

Diário com Sangue

Ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha
Universidade de Brasília

Resumo

O gênero textual ‘diário’ não tem recebido a devida atenção nos estudos de jornalismo, embora ele seja bastante usado na correspondência de guerra. Neste trabalho analiso os diários do jornalista estadunidense Richard Tregaskis, da agência de notícias International News Service, e do jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro, da revista brasileira *Realidade*, respectivamente escritos durante a II Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra do Vietnã (1961-1975).

Palavras-chave: *diário, correspondência de guerra, jornalismo de guerra.*

Abstract

The textual genre ‘diary’ has been overlooked in the journalism studies, though it has been very much used in the war correspondence. In this paper, I analyse the diaries of the U.S. journalist Richard Tregaskis, from the news agency International News Service, and the Brazilian journalist José Hamilton Ribeiro, from the magazine *Realidade*, respectively written during II World War (1939-1945) and Vietnam War (1961-1975).

Key words: *diary, war correspondence, war journalism*

Resumen

El género textual ‘diario’ no ha recibido la debida atención en los estudios de periodismo, aun que él sea mucho usado en la correspondencia de guerra. En esta ponencia analizo los diarios del periodista estadunidense Richard Tregaskis, de la agencia de noticias International News Service, y del periodista brasileño José Hamilton Ribeiro, de la revista *Realidade*, respectivamente escritos durante la Segunda Guerra Mundial (1939-1945) y la Guerra del Vietnam (1961-1975).

Palabras-clave: *diario, correspondencia de guerra, periodismo de guerra.*

Introdução

A narrativa de guerra, em particular, e a narrativa jornalística são práticas de letramento. O letramento é – de acordo com a consagrada visão social de estudiosos da linguagem como KLEIMAN (2007; 1997), BARTON (2007), STREET (1984), HEATH (1983), SCRIBNER e COLE (1981) – um conjunto de práticas sociais inseridas em contextos históricos específicos, que usam a escrita, tanto como sistema simbólico quanto como tecnologia, para obter fins específicos em contextos determinados.¹

Narrar a guerra é um evento de letramento – este, uma situação em que a escrita é essencial para que haja sentido na própria situação. O domínio da escrita, de acordo com a perspectiva

¹ Nessa visão contrapõem-se os dois modelos de letramento identificados pelo antropólogo educacional Brian Street (1984): o ‘ideológico’ e o ‘autônomo’. O modelo autônomo impõe concepções ocidentais de letramento de uma para outras culturas, inclusive dentro de um mesmo país. Bastante tradicional, esse modelo considera como neutro e universal o letramento. O modelo ideológico, ao contrário, leva em conta a pluralidade e a diferença, e aceita a variação nas práticas de letramento de um contexto a outro.

freyreana, pressupõe uma experiência social que o precede (FREYRE, 1986) e a narrativa jornalística de guerra segue à imersão em um conflito repleto de dramas e sofrimento. E sangue, muito sangue.

Ao identificar o sangue antecedendo a narrativa de guerra, refiro-me – em termos concretos – à essência da vida que se esvai, sempre muito rapidamente, em conflitos armados. Em termos simbólicos, refiro-me ao emocional do indivíduo. Ou seja, a ‘leitura do mundo’ da guerra vivenciada pelo jornalista exige-lhe a capacidade de narrar não só atos, mas também sentimentos e emoções.

Nesse sentido, o diário é um dos gêneros textuais narrativos que oportuniza grandes revelações sobre o mundo da guerra – em ações e em reflexões. Por suas características específicas, ele situa o jornalista não só nesse mundo da guerra, mas com esse mundo da guerra.²

Na primeira seção deste artigo, discuto brevemente o diário, um gênero textual que, embora muito usado na correspondência de guerra, ainda tem sido pouco estudado na teoria do jornalismo. Revejo o conceito de correspondência de guerra, um tipo específico de jornalismo de guerra.

Na segunda e terceira seções do artigo, detenho-me em narrativas que foram feitas originalmente em diários por correspondentes enviados a frentes de batalhas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e Segunda Guerra da Indochina, também conhecida como a Guerra do Vietnã (1961-1975)³: respectivamente, o jornalista estadunidense Richard Tregaskis, da agência de notícias International News Service, e o repórter brasileiro José Hamilton Ribeiro, da revista *Realidade*, cujos trabalhos foram transformados nos livros *Diário de Guadalcanal* (1943) e *O Gosto da Guerra* (2005).

O gênero textual ‘diário’

O *diário* é um dos gêneros textuais mais utilizados na *correspondência de guerra*. Por *correspondência de guerra*, entendo a transmissão periódica de notícias de uma guerra feita por repórteres, inclusive os *free lancers*, enviados por órgãos de imprensa. A correspondência de guerra é um tipo específico de *jornalismo de guerra*, mas este, embora trate do tema, não é necessariamente desenvolvido no teatro da guerra e também não é obrigatoriamente produzido por jornalistas, mas deve ser feito por quem está a serviço do jornalismo.⁴

Refiro-me ao diário como gênero textual, na linha do linguista Luiz Antônio Marchuschi (2002) que distingue ‘gênero textual’ de ‘tipo textual’. O tipo textual é uma construção teórica

² A frase literal de Paulo Freyre é “o homem não está apenas no mundo, mas com ele”. O educador refere-se ao fato de que o “homem integrado é o homem sujeito”. (Freyre, op. cit., pp. 42 e 104).

³ Hoje o termo Indochina é usado para definir um espaço geográfico na Ásia, não um espaço político, como outrora, quando se referia à Indochina Francesa (Vietnã, Laos e Camboja). A chamada primeira guerra da Indochina (1946-1954) aconteceu ao final da II Guerra Mundial, quando a liga vietnamita nacionalista, Viet-minh, desencadeou uma campanha no norte da Indochina contra as forças do Japão, membro do Eixo nazifascista, e também da França de Vichy, o governo fantoche francês sob o domínio dos alemães (1940-1945). O sul da região fora ocupado por tropas britânicas, mas, após o final da guerra e a derrota do Eixo, a França restaurou seu controle colonial. O norte, entretanto, continuou lutando contra a França, com o apoio dos governos comunistas da China e da então União Soviética. Era a época da Guerra Fria, com o mundo dividido em dois grandes blocos ideológicos liderados pelos Estados Unidos de um lado e, de outro, pela União Soviética. A chamada Guerra do Vietnã ou Guerra Americana inicia efetivamente em 1964 com o envio para frente de batalhas de tropas dos Estados Unidos, que temiam a expansão do comunismo no sudeste asiático. No começo da década de 1960, os Estados Unidos se limitaram a mandar apenas conselheiros militares (Governo John Kennedy, 1960-63), mas a administração seguinte (Governo Lyndon Johnson, 1963-69) passou a enviar tropas de combate que lutaram ao lado de soldados aliados da Austrália, Coréia, Nova Zelândia, Tailândia e Taiwan. No Vietnã do Norte, o Vietcongue, uma frente de nacionalistas e comunistas, enfrentava essas tropas intervencionistas. Dividido em dois, o Vietnã tinha Hanoi como capital ao norte e Saigon (hoje Cidade de Ho Chi Minh) como sede ao sul. Na guerra, morreram mais de 58 mil soldados estadunidenses com cerca de 303 mil feridos. A perda do Vietnã foi ainda maior: o Sul teve cerca de 300 mil mortos e o Norte, 1,2 milhão de mortos e desaparecidos. Não computo aqui os mortos e feridos das tropas aliadas.

⁴ Em trabalho anterior (Cunha, 2012), identifiquei *correspondência de guerra*, *jornalismo de guerra* e *narrativa de guerra* como três categorias de relatos sobre guerras, as quais exemplifico com casos consagrados.

definida pela natureza linguística de sua composição – como aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas – abrange categorias como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. O gênero textual é o texto materializado em nossa vida diária e apresenta padrões sociocomunicativos definidos por conteúdo, propriedade funcional e composição característica. Se os tipos textuais são em número reduzido, “os gêneros são inúmeros” (ex.: romance, sermão, carta comercial, carta pessoal, reportagem, notícia jornalística, e horóscopo), porém são específicos de cada esfera social. Há, portanto, diversidade nos gêneros textuais usados em contextos distintos – entre os quais, cito quatro: o cotidiano doméstico e familiar, o mundo acadêmico, a realidade médico-hospitalar e o meio jornalístico.

O que se chama de ‘tipo textual’ e ‘gênero textual’ nos estudos da linguagem é identificado, respectivamente, como ‘gênero jornalístico’ e ‘formato de gênero’ pelos teóricos do jornalismo. Uma sucessão de estudos sobre o tema – entre outros, os estudos de Luiz Beltrão (2006; 1980; 1976); José Marques de Melo (2009; 2003; 1987) e Francisco Assis (2010; 2009).– levou à categorização dos seguintes gêneros jornalísticos: narrativo, informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional.

Para Assis, o jornalismo informativo abriga os gêneros textuais nota, notícia, reportagem e entrevista. No jornalismo interpretativo, os gêneros textuais dossiê, perfil; enquete e cronologia. No opinativo, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, carta e caricatura. No diversional, história de interesse humano e história colorida. No utilitário, indicador, cotação, roteiro e serviço.

O jornalista e pesquisador Paulo Paniago, que estudou o gênero textual ‘perfil’, admite outro “gênero jornalístico”, ou seja, outro tipo textual. Seria um tipo híbrido, que mesclaria o informativo com o interpretativo. De acordo com Marcuschi (op. cit.), um texto pode pertencer a mais de um tipo textual; as categorias deste são apenas estratégias usadas para organizar a linguagem, independentemente da função comunicativa do gênero textual ao qual estão relacionadas.

No “gênero” (tipo) informativo-interpretativo de Paniago, ele inclui os seguintes gêneros textuais: notícia, entrevista, reportagem, perfil, livro-reportagem, infográfico, nota, fotografia e foto-legenda. No “gênero” (tipo) opinativo, ele incluiu: editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, crônica, ilustração, carta, nota, ensaio e o folhetim. Nem Paniago, nem Assis contemplam o diário como gênero textual usado em jornalismo.

Entretanto, Paniago afirma que “uma das questões de pesquisa em jornalismo que merece aprofundamento é o gênero” e insiste que, embora a literatura a respeito do jornalismo seja vasta, “pouca atenção se tem dado a gêneros”. Alerta ainda: “jornalistas, mais do que literatos, deveriam se preocupar em entender os gêneros [textuais] que praticam, uma vez que o texto nesse ambiente é um composto que atravessa muitas mãos e recebe contribuições de muitas mentes.” (PANIAGO, 2008, p. 17-18). De fato, a compreensão dos gêneros textuais é importante, pois, assim, é possível o domínio das ferramentas que possibilitam as manifestações verbais no plano das ações sociais.

Para começar a entender o gênero textual ‘diário’, identifique suas principais características estruturais:

1. Sequenciamento no registro dos fatos narrados.

O diário não obedece necessariamente a uma cronologia formal, com obrigatoriedade de anotações diárias. Entretanto, ainda que possa haver interrupções, a datação do texto é um aspecto particular do gênero.

2. Temporalidade presente.

O diário trata de fatos *ainda* presentes, ao contrário das memórias que lidam necessariamente com o passado.⁵

3. Armazenamento da matéria bruta.
O texto do diário, diferentemente das memórias, não é retrabalhado e polido.
4. Sobreposição da autoria com a narração
O próprio autor do diário é o narrador, o que permite o uso da primeira pessoa do singular (eu) ou do plural (nós).
5. Caráter testemunhal
O autor narra fatos, eventos ou cenas em que ele próprio foi participante ou observador. Como em outros testemunhos, considera-se o ver, mas também o ouvir. Narra-se o que foi visto, mas também o que foi ouvido, ou relatado.⁶
6. Subjetividade no narrar.
O diário permite uma forma de narrar criativa e individualizada, que pode extravasar estados de ânimo, emoções, ou mesmo expectativas por parte do narrador.⁷
7. Temas diversos
É importante salientar que, embora o diário permita subjetividade no narrar, ele não necessariamente trata do espaço íntimo de seu autor. Pode abordar temas de interesse social, político e/ou histórico. Por isso, o diário tem sido usado em diferentes áreas do conhecimento.⁸

Assim como a própria guerra que, como afirmou o filósofo e sociólogo francês Raymond Aron (1986, p. 219), emprega “os instrumentos fornecidos pelo costume e a técnica disponível: com machados e canhões, flechas ou projéteis; explosivos químicos ou reações atômicas”, os relatos sobre as diferentes guerras variam de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural, como qualquer outra prática de letramento. Dependendo dos tempos, a narrativa da guerra em diário já foi registrada como anotações manuscritas em cadernos e cadernetas, datilografadas em folhas de papel, ou digitalizadas para serem armazenadas em discos flexíveis ou rígidos, em CDrom e em *pendrives*.

Portanto, o diário é um artefato cultural que integra a estrutura comunicativa da sociedade como o é, para a pesquisadora em retórica e comunicação Carolyn Miller qualquer outro gênero. O

⁵ Memórias são relatos que um escritor faz de acontecimentos fundamentados em sua vida, ou mesmo de eventos históricos dos quais participou ou foi testemunha. Essa narrativa depende muito da própria memória que, em psicologia cognitiva, é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Seu conteúdo, entretanto, está mais relacionado com o que é visto como memórias pela psicologia analítica: reminiscências que nos ocorrem como resultado de experiências já vividas, lembranças daquilo que marcou o nosso espírito. Por isso, a narrativa desse gênero textual pode ser fragmentada. Sua hierarquização é fundamentalmente uma escolha individual do autor. Sobre o gênero memórias, ver Cunha (2011; 2007a).

⁶ Na hierarquização dos dois sentidos, o linguista estruturalista Émile Benveniste cita o texto sagrado hindu *Satapatha Brahmana*, que descreve os rituais védicos, para justificar a ascendência da visão sobre a audição em um litúgio: “se agora dois homens disputam entre si, um dizendo ‘eu vi’, o outro ‘eu ouvi’, o que diz ‘eu vi’, é nele que devemos acreditar” (Benveniste, 1995: 175)

⁷ Desde a virada do século tem havido um interesse acadêmico cada vez maior por diários, memórias e cartas, três gêneros textuais outrora ignorados. Novos estudos mostram que esses gêneros textuais revelam a intimidade de atitudes e sentimentos que dificilmente se tornariam conhecidos em documentos públicos.

⁸ Há diários consagrados como registros históricos (ex.: Humbert, 2008), investigações antropológicas (Ribeiro, D., 1996; Ribeiro, B., 1979; Malinowski, 1922), nos estudos de saúde (Robinson, 1971) e na pesquisa educacional (Bailey, 1990; Ball, 1981). Em Cunha (1999, 2007a), abordei o uso do diário na observação microetnográfica da sala de aula.

gênero é “uma representação do raciocínio e dos propósitos característicos da cultura [na qual se insere]” (Miller, 1984: 164-5).

Ação no diário de Tregaskis

O diário de Richard Tregaskis é um registro de ação, muita ação. Correspondente do International News Service (INS)⁹ durante a Segunda Guerra Mundial, Tregaskis juntou-se à Primeira Divisão de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América e presenciou o início da campanha de Guadalcanal. A batalha começou em início de agosto e se estendeu por seis meses, até fevereiro de 1943, na ilha de mesmo nome, situada no arquipélago Salomon no oceano Pacífico.¹⁰ A campanha foi terrestre e aeronaval. O diário de Tregaskis, datado de 26 de julho a 26 de setembro de 1942, cobre os cruciais dois primeiros meses dessa que ficou conhecida como a batalha do Pacífico. Era a primeira ofensiva dos Estados Unidos na Segunda Guerra após o ataque em Pearl Harbor (7/12/1941) e a batalha envolveria forças de terra, da água e do ar. A perspectiva inicial de Tregaskis é do mar até seu próprio desembarque em terra. Chegando em um dos dois navios que transportaram as tropas de assalto em Guadalcanal, o jornalista foi avisado: “Vai ser duro lá na praia. [...] Alguém vai se machucar.” (TREGASKIS, 2006, p. 22). Isso não impediu que Tregaskis descrevesse, cronometricamente, os primeiros movimentos daquele acontecimento histórico.

Sexta-feira, 7 de agosto [de 1942]. [...] Nossa barragem naval, que deveria abrir caminho para o desembarque, havia começado. Olhei para o relógio. Eram **6h14**. Dois minutos depois um cruzador na popa e a estibordo começou a disparar. [...] Às **6h17**, finas linhas retas de balas traçantes, um feixe delas, desabaram em direção à orla, e simultaneamente ouvimos o ruído de motores de avião. Sabíamos que eram nossos aviões metralhando [...] Às **6h19**, outro cruzador, exatamente na nossa frente, começou a disparar. [...] Às **6h28**, notei uma brilhante mancha branca de fogo na água à frente e olhei fascinado, perguntando-me o que era, enquanto ela se abria numa folha espalhada de chama vermelha. Os aviões deslocavam-se para frente e para trás como moscas sobre a mancha. “É um navio japonês” – disse o oficial do navio próximo a mim. Seus binóculos miravam diretamente as chamas. – Os aviões fizeram isso – disse. Eles estavam metralhando” [...] Às **8h06**, um anteparo protetor formado por aviões de caça surgiu e sobrevoou baixo a frota de transportes. Voavam de um lado para o outro acima dos barcos, tecendo uma rede protetora no céu. [...] Às **8h34**, o timoneiro da Marinha girou nosso barco e nos dirigimos para a orla. [...] Às **9h02**, nosso barco movia-se para a praia a todo o vapor, quando a fileira de cruzadores e contratorpedeiros à frente de nós começou um terrível bombardeio da orla. Este, sabíamos, era o ‘amaciador’ que iria, esperávamos, limpar da praia qualquer posição de metralhadoras ou artilharia japonesa, e tornar nosso desembarque mais fácil. Às **9h35**, o intenso

⁹ O International News Service (INS) foi criado por William Randolph Hearst em 1909, dois anos antes da fundação da United Press Association (UPA). Em 1959, as duas agências de notícias foram unidas na United Press Association (UPI). A norte-americana UPI, a britânica Reuters e a francesa Agence France Presse foram as três maiores distribuidoras de notícias a jornais, rádios e televisão no século XX.

¹⁰ Os objetivos fundamentais da campanha no arquipélago de Guadalcanal eram (1) evitar que as forças da Armada Real Japonesa usassem as ilhas como bases aéreas, ameaçando os navios norte-americanos em rota de abastecimento à Austrália, e (2) assegurar às tropas aliadas o uso das ilhas como ponto inicial em batalhas contra os japoneses, conseguindo assim isolá-los.

bombardeio na praia chegava ao fim. Às 9h28, passamos pelos barcos da primeira leva, deixando a praia em direção aos navios para pegar outra carga de tropas. [...] Às 9h47, chegamos perto da orla o bastante para ver uma longa fileira de nossos barcos de desembarque em cima da areia de cor parda, perto o bastante para ver um tanque chapinhando a deslocar-se ao longo do litoral. [...] Às 9h50, com um sacolejo, nosso barco atracou na areia cor parda. (TREGASKIS, R., op. cit., p. 42-48, grifo nosso)

O relato pormenorizado de Tregaskis – formado em história – trouxe para o jornalismo um treino meticuloso na documentação dos fatos. Como um “questionador inteligente” e “um tomador de notas escrupuloso” (TREGASKIS, M., 2006, p. 237), ele captou a visão dos próprios *marines* sobre seus adversários. Ainda que essa visão dos “porras desses japa” (TREGASKIS, R., op. cit., p. 55) seja hoje considerada politicamente incorreta, as diferentes edições nas várias línguas mantiveram o texto de Tregaskis inalterado, como produto de um contexto sócio-histórico e cultural específico. Naquele momento, inclusive como estratégia militar, os asiáticos eram vistos com superioridade – uma visão que ainda levaria as tropas americanas a grandes equívocos políticos na Coreia e na Indochina.

O texto de Tregaskis é preciso e conciso, sem adjetivação desnecessária ou hipérbolos, mas nunca seco ou mal escrito.¹¹ No dia 22 de agosto de 1942, um dia após a Batalha de Tenaru, Tregaskis escreveu:

Sábado, 22 de agosto [de 1942]. ...O fedor dos corpos espalhados pela Pontado Inferno e do outro lado da restinga do Tenaru era forte. Muitos deles jaziam na beira da água, e já se achavam inchados e brilhantes, como salsichas cintilantes. Alguns dos cadáveres haviam sido parcialmente enterrados por areia trazida pelas ondas:era possível ver uma cabeça grotesca, inchada, ou um torso retorcido brotando da praia. Não era agradável olhar as pilhas de cadáveres na restinga. Aquilo era um pesadelo macabro. Vimos corpos de japoneses despedaçados pela nossa artilharia, os restos fritos pela explosão de projéteis. [...] Em todos os lugares por onde olhávamos, víamos pilhas de corpos, aqui um com a coluna vertebral visível pela frente, e o resto de carne e osso descascado por sobre a cabeça, como as folhas de alcachofra...” (TREGASKIS, R., op. cit., p. 138-139).

Vinte anos depois, o diário de Tregaskis seria duramente criticado pelos ‘novos jornalistas’¹² que pareciam não ter entendido que seu trabalho era um texto produzido em um contexto histórico e cultural distinto. John Sack¹³, um de seus maiores críticos, condenou Tregaskis por ele estar em cena

¹¹ Richard Tregaskis, além de se formar em História na Universidade de Harvard, graduou-se em Literatura – *cum laude*.

¹² O movimento do ‘novo jornalismo’ surgiu na revista *Esquire* nos anos 1970. Entre os mais importantes nomes estavam Tom Wolfe, Gay Talese, John Sack, Michael Herr, Joan Didion, Hunter Thompson e Jimmy Breslin. Sobre o ‘novo jornalismo’, o escritor Gay Talese (2004: 9) escreveu: “Embora muitas vezes possa ser lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos possíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais.”

¹³ John Sacks é autor do livro-reportagem *M.* (1966), no qual ele fez um longo perfil de uma unidade de infantaria que acompanhou desde o treinamento em Fort Dix, Nova Jersey, até a primeira missão no sudeste asiático. A missão era em uma vila onde os vietnamitas extraíam o látex, supostamente fornecendo pneus aos motoristas do Exército americano de dia e, à noite, matando seus oficiais. A ordem era assegurar que, se houvesse um atirador em uma casa da vila, ela deveria ser destruída. Sack, que antes de ir para o Vietnã era a favor da guerra, presenciou os soldados destruindo tudo. Depois das granadas, viu mulheres e crianças correndo ainda de pijamas e testemunhou quando um soldado, em patrulha, encontrou uma menina de sete anos ferida. O soldado daria o título da reportagem de Sack na *Esquire* de outubro de 1966: “Meu

nos eventos narrados: “Eu não me ponho na história. Não quero sequer que o leitor saiba que eu estou ali... Quero que ele sinta que está recebendo a realidade não diluída – que está recebendo um relato absolutamente objetivo.” (WEINGARTEN, 2010, p. 192).

Ora, a presença do autor como narrador no diário é uma das características desse gênero textual. O diário além de admitir que o narrador-autor descreva os fatos como participante ou observador, serve para que suas reflexões sobre esses fatos sejam apresentadas. Sack considerou isso subjetividade, mas ele próprio iria admitir mais tarde que a objetividade do texto é apenas “um truque com o leitor” porque o jornalista tem seus próprios valores em relação ao que é realmente importante, “ao que vale a pena dizer e o que não vale a pena dizer”. É uma “questão de filtrar as informações e escolher sua própria versão da verdade”, admitiu Sack. (WEINGARTEN, op. cit., p. 192).

Sack também não considerou que a época em que transcorreu a II Guerra Mundial era um outro momento histórico e social que não o que ele próprio vivenciaria na Guerra do Vietnã. A guerra de Tregaskis – como escreveu o também jornalista e escritor Mark Bowden (2006, p.11)– “arrebato corações e mentes de toda uma geração em medida muito maior que a geração dos anos 1960 que protestou contra a Guerra do Vietnã”, esta sim, a geração de Sack.

É justamente o testemunho de Tregaskis, observador privilegiado na cena dos acontecimentos, que tem grande valor histórico. Com a percepção de jornalista e o discernimento de historiador, Tregaskis entendeu a importância do que presenciaria e, em seu diário, narrou com detalhes a primeira batalha em terra das tropas dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra. Transformado em livro, *O diário de Guadalcanal* é até hoje lido por aqueles que querem conhecer os acontecimentos do início daquela batalha.

Reflexão no diário de Ribeiro.

Menos pela ação do que pela reflexão, o diário do repórter José Hamilton Ribeiro tornou-se emblemático no jornalismo brasileiro.

Ribeiro, enviado ao Vietnã pela antológica revista *Realidade*.¹⁴, ficaria apenas quarenta dias, mas resolveu adiar a volta por mais um dia. Estava na Land Zone Bety, a base americana mais avançada na direção do Vietnã do Norte, a uns 30 quilômetros da zona desmilitarizada. Ficou porque iria acompanhar a Companhia D, Delta, do 8º. batalhão da Divisão de Cavalaria Aeromóvel em uma incursão para reconhecimento e ‘limpeza’ em uma aldeia de camponeses na Estrada da Alegria, dominada por vietcongues. Curiosamente o nome da estrada fora dado pelo escritor francês Bernard Fall, que escrevera com esse título um livro passado na Primeira Guerra da Indochina. Quando voltou ao lugar, anos depois que começara a Segunda Guerra da Indochina, a dos americanos, Fall pisou em uma mina e morreu, sem alegria.

Ao descer do helicóptero naquele lugar, Ribeiro já ouviu os gritos de dois soldados portorriquenhos que estavam feridos porque, designados para explorar o local, haviam detonado minas. Depois que foram retirados os feridos, a companhia começou a se movimentar com Ribeiro e Keisaburo Shimamoto, sobre quem Ribeiro escrevera à redação na véspera:

Deus! – Atingimos uma menininha! A verdadeira história da Companhia M, de Fort Dix ao Vietnã”. Uma narrativa com um enredo cheio de conflitos e com personagens bastante definidas, a reportagem de Sack foi aproveitada no livro *M* publicado no mesmo ano.

¹⁴ *Realidade*, revista mensal de grandes reportagens da Editora Abril, que circulou entre 1968 e 1976, foi – como bem caracterizou Paulo Paniago – um “celeiro de textos e imagens” que procuraram interferir na discussão do que era o Brasil naquele momento e que também tentavam mostrar o mundo a partir dos problemas, conflitos, avanços e comportamentos nacionais. (Paniago, op. cit., p. 281 et seq.). Entre 1966 e 1973, Ribeiro assinou 46 matérias na *Realidade*, duas delas sobre o Vietnã.

Para amanhã se prevê uma operação em aldeia... Para vir ao front contratei um fotógrafo japonês – Kêi Shimamoto –, indicado pelo Sr. Pelou, da Agência France Press de Saigon, como boa gente e bom profissional. Parece bom, só que o desgraçado, toda a vez que lhe peço para me fotografar com água pela cintura, ele diz *No good!* Acho que ele espera que uma bomba me mande para o chão, para só então achar uma boa foto!... (Ribeiro, 2005, p. 15).

À frente de Ribeiro, a três metros de distância, o soldado Henry, escalado para proteger o repórter e seu fotógrafo, abria o caminho. Ribeiro pisava exatamente onde o soldado norte-americano pisava até que eles ouvem uma explosão. Em busca de uma boa foto, Ribeiro e Shinomoto acompanham Henry ao lugar onde estão os feridos. Ribeiro ainda hesita, ponderando que um soldado à morte não seria uma boa foto, mas termina por seguir exatamente no mesmo caminho de Henry, pegada em cima de pegada. Foi quando o repórter brasileiro ouviu a explosão, como ele mesmo narra em seu diário no dia 20 de março de 1968:

Ele [Henry] foi na minha frente... E eu fui atrás dele. Nem bem dei cinco passos quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça. Uma nuvem negra de fumaça fez desaparecer tudo à roda e eu tive a impressão, nítida, de que a bomba explodira exatamente em cima do soldado Henry. Quando ... ele apareceu na minha frente de repente com o rosto transformado em uma máscara de horror. “Henry você está bem?” Ele não me respondeu e continuou caminhando em minha direção. Senti-me sentado e não descobri por quê. Entrevi Shimamoto, saindo da fumaça, e ainda lhe perguntei: “Shima, você está *ok?*” Ele trazia um cigarro aceso e tentou colocá-lo na minha boca. Não aceitei. Senti na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra. (Ribeiro, op. cit., p. 25)

Exatamente como Fall, Ribeiro pisara em uma mina na Estrada sem Alegria. Com tristeza, muita tristeza, não teria sido possível para o jornalista brasileiro narrar os dias que se seguiriam com o ‘truque de Sack’. Ele não teria podido eliminar o repórter porque ele era o fato. Ribeiro escreveu um diário em que, menos do que narrar ação, ele faz uma reflexão sobre a sua própria situação como ferido de guerra. Sem se vitimar, Ribeiro relata suas emoções e sentimentos. No dia 28 de março de 1968 escreve:

Estou frustrado, vencido, entregue à mais profunda amargura. Os piores pensamentos me vêm à mente – por que a bomba não pegou Henry em vez de me pegar? Afinal, ele é soldado, está lá para isso, vai ver que até já desgraçou um inimigo, vai ver que até merecia sofrer assim. Depois outra, ele pisou no mesmo lugar que eu, antes de mim, por que a bomba não explodiu nele? O capitão Whitekind me disse que sete pessoas, antes de mim, tinham passado naquele mesmo lugar, e que o fato de a mina ter estourado justo embaixo dos meus pés talvez se devesse ao meu peso, maior do que o dos soldados. [...] E o Shinomoto, por que a bomba não pegou a ele? Ele está há dois anos no Vietnã, vai ver que foi para lá em virtude de alguma desilusão, algum desengano, e esteja mesmo procurando uma forma de suicídio – por que então eu, e não ele? E por que não o próprio Whitekind? Será que o vietcongue se dá ao trabalho de fazer uma bomba para pegar justo um jornalista brasileiro? O Whitekind é que

devia ter ido pelos ares... Tomo consciência da canalhice de meus pensamentos, e isso se torna um fator a mais de angústia. Então, seu Zé, você não presta mesmo, nem por fora nem por dentro! Por fora, essa perna apodrecendo, minando água suja: por dentro, esses pensamentos canalhas, sujos, porcos. Você devia é ter morrido...(Ribeiro, op. cit., 63-4).

O diário permitiu que, após a experiência social vivida pelo repórter na guerra, Ribeiro exprimisse sofrimento, revolta, decepção, frustração, tristeza – enfim toda uma gama de sentimentos e emoções que ele sentia jorrar, como o sangue que continuava a escorrer de sua perna. A pujança do relato de Ribeiro em ‘Eu estive no Vietnã’ mereceria a capa de *Realidade* do mês de maio, com foto de Shimamoto, e o Prêmio Esso de Reportagem daquele ano de 1968. Juntas, essa reportagem e da edição seguinte da revista, mês de junho, intitulada ‘Guerra é assim’, se transformariam no livro *O gosto da guerra*, uma edição esgotada.

Em 2005, o livro veio a ser republicado em nova edição, mantendo a forma de diário, tendo como acréscimo uma segunda parte, com o relato da revisita de Ribeiro ao Vietnã, inclusive à Estada da Morte.

Considerações finais

Neste artigo situei o diário como um gênero textual do jornalismo de guerra, que tem sido, sistematicamente, ignorado pela teoria de gêneros jornalísticos, ainda que ele seja muito presente na correspondência de guerra. O olhar de soslaio para com o diário, que não é sequer identificado na categorização dos gêneros textuais do jornalismo (os chamados “formatos de gênero”), não se justifica.

Para exemplificar o gênero ‘diário’, analisei brevemente os trabalhos de dois correspondentes de guerra: o estadunidense Richard Tregaskis e o brasileiro José Hamilton Ribeiro. Referências da correspondência de guerra, o trabalho dos dois jornalistas traduzem momentos únicos de duas guerras distintas: a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã. No primeiro, há uma descrição detalhada da ação desenvolvida nos dois primeiros meses de batalha das tropas norte-americanas na batalha do Pacífico. No segundo, uma reflexão sobre a cultura da guerra no Vietnã (ex. revolução no papel da mulher vietnamita, resistência do povo vietnamita, etc.) e a expressão da emoção por quem por essa guerra foi ferido.

O artigo, como um todo, é uma contribuição para que se pense o diário e os demais textos produzidos no fazer jornalístico à luz de uma teoria social de letramento. O escrever um diário de guerra é uma prática de letramento e, como tal, não aliena o correspondente das questões e acontecimentos do meio social em que está imerso. As condições históricas e culturais que geram as anotações no diário marcam-no como produto do mundo que o gerou. É preciso ler esse mundo.

BIBLIOGRAFIA:

ADAM, Jean-Michel. Gêneros textuais, tipos textuais e gêneros do discurso. Conferência proferida no *VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, agosto 2011. Slides da apresentação disponíveis em www.cchla.ufrn.br, acesso em 10 nov. 2011.

ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. *Alceu*. Revista do Departamento de Comunicação Social, PUC-RJ, Rio de Janeiro, volume 11, nº. 21, pp. 16-33, jul./ dez.. 2010.

_____. *Jornalismo com traços de literatura*: alguns apontamentos sobre o gênero diversional. *Intercom*, Curitiba, set. 2009. Disponível em www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0967-1.pdf, acesso em 29/06/2011.

- BAILEY, Kathleen, The user of diaries in teacher education programs. In: RICHARDS, John C.; NUNAN, David. *Second language adult second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University press, 1990, p. 215-26.
- BALL, Stephen J. *Beachside Comprehensive: A case study of Secondary School*. Cambridge: Cambridge University press, 1981.
- BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. 2ª. ed., Oxford: Blackwell, 2007 (1994).
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- _____. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- _____. *Teoria e prática do jornalismo*. Adamantina: FAI/Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação para o desenvolvimento regional/Edições Omnia, 2006.
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Trad. Denise Bottmann, V.2: Poder, direito, religião, Campinas: Unicamp, 1995.
- BOWDEN, Mark. Introdução. In: Tregaskis, R., 2006, pp. 7-13.
- CUNHA, Maria Jandyra C. *História com tinta, voz e sangue. Narrativas na correspondência de guerra do século XX*. In: PEREIRA, Fábio H.; MOURA, Dione O. ; ADGHIRNI, Zélia L. (orgs.), *Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias*, Capítulo 12, Florianópolis: Insular, no prelo (2012).
- _____. *Literatura e jornalismo na guerra de Agnès*. *Anais do V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, UnB, ag. 2011. Disponível em http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/maria_jandyra_cunha.pdf, acesso em 2/2/2012.
- _____. *Pesquisa aplicada na área de português para falantes de outras línguas: procedimentos metodológicos*. In: CUNHA, M. J.; ALMEIDA FILHO, J. C. P., *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*, Campinas: Pontes; Brasília: Editora da UnB, 2007a, p. 57-85.
- _____. *Memórias da migração: a identidade em pentimento*. In: CUNHA, M. J. C. et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. 1ª. ed, São Paulo: Centauro, 2007b, p. 17- 41.
- _____. *O uso do diário na pesquisa etnográfica da sala de aula*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade (Papers in Language and Society)*, vol. 3, no. 2, pp. 72-83, 1997 (1999).
- CUNHA, M. J. C. e CÔRREA, V. A. *Gêneros em guerra: estudo sobre a narrativa jornalística em conflitos armados*. Trabalho apresentado no *VI Seminário Internacional de Gêneros Textuais*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, agosto 2011.
- FREYRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HEATH, Shirley B. *Ways With Words*. 17ª. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1999 (1983).
- HUMBERT, Agnès. *Resistência. A história de uma mulher que desafiou Hitler*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 (1946).
- KLEIMAN, Angela. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, pp. 1-25, dez, 2007.
- _____. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento*. 1ª. ed., Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. pp. 15-61.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonaus of Western Pacific*. Londres: Routledge&KeganPaul, 1922
- MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.), *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

- MELO, José Marques. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. *Intercom*, Curitiba, set. 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>, acesso em 29/6/2011.
- _____. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- _____. *Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo*: FTD, 1987.
- MILLER, Carolyn. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, 70 (1984), pp.151-187. Disponível em <http://www4.ncsu.edu/~crmillier/Publications/MillerQJS84.pdf>, acesso em 3/9/2010.
- PANIAGO, Paulo. Um retrato interior. O gênero perfil nas revistas *The New Yorker* e *Realidade*. Tese de doutorado inédita. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade de Brasília, orient. L. G. Motta e M. J. C. Cunha, 2008.
- PATRINI-CHARLON, Maria de Lourdes. Da aventura ao campo de Guerra. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, USP, São Paulo, jul. 2008. http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/034/MARIA_CHARLON.pdf, acesso em 20/7/2008.
- RIBEIRO, Berta. *O diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. *Diários índios. Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, José Hamilton. *O repórter do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2008 (1969).
- _____. *O gosto da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005 (1968)
- _____. Eu estive na guerra. *Realidade*, São Paulo: Editora Abril, ano III, n. 26, p. 26-42, mai. 1968.
- _____. Guerra é assim. *Realidade*, São Paulo: Editora Abril, ano III, n. 27, p. 76-88, jun. 1968.
- ROBINSON, David. *The process of becoming ill*. Londres: Routledge%Kegan Paul, 1971
- SCRIBNER, Sylvia; COLE, Michael (1981). *The psychology of literacy*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995 (1984).
- TREGASKIS, Moana. Pós-fácio. In: TREGASKIS, R. , 2006, pp.237-242.
- TREGASKIS, Richard. *Diário de Guadacanal*. Trad. Alda Porto, 2ª. ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2006 (1943).
- WEINGARTEN, Marc. *A turma que não escrevia direito*. Trad. Bruno Casotti, Rio de Janeiro: Record, 2010 (2005).